



CENTRO BRASILEIRO DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Breaking News #10



MAKE AMERICA
GREAT AGAIN

ABRIL DE 2017

Trump e a ordem mundial: aberração ou tendência crescente?

Sobre o CEBRI

Independente, apartidário e multidisciplinar, o Centro Brasileiro de Relações Internacionais é pautado pela excelência, ética e transparência na formulação e disseminação de conteúdo de alta qualidade sobre o cenário internacional e o papel do Brasil. Engajando os setores público e privado, a academia e a sociedade civil em um debate plural, o CEBRI influencia a construção da agenda internacional do país e subsidia a formulação de políticas públicas, gerando ações de impacto e visão prospectiva.

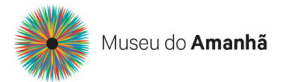
Ao longo de dezenove anos de história, a instituição se destaca por seu acervo intelectual, pela capacidade de congregiar múltiplas visões de renomados especialistas, pela envergadura de seu Conselho Curador e pela pluralidade de seus mantenedores.

www.cebri.org

EXPEDIENTE Diretora Executiva: **Julia Dias Leite** | Diretor de Relações Institucionais: **Tomás Amorim** | Superintendente de Projetos: **Renata Dalaqua** | Coordenadora de Projetos: **Barbara Brant** | Coordenadora Administrativa: **Camila Sabino** | Coordenadora de Comunicação e Eventos: **Giselle Galdi** | Assistente de Projetos: **Carlos Arthur Ortenblad Júnior** | Trainee de Comunicação: **Clarice Perrot Cardoso** | Estagiários: **Ana Vibranovski, Evandro Osuna, Gabriel Torres, Luiz Gustavo Carlos, Mauricio Alves** | Voluntários: **Danielle Caroline Batista da Silva, Mariana Panero, Nathália Diniz** | Consultores de Projetos: **Carla Duarte, Nathan Klabin, Suzana Green Haddad** | Conteúdo Editorial: **Nilson Brandão** | Projeto Gráfico: **Presto Design**

Todos os direitos reservados: CENTRO BRASILEIRO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
- Rua Marquês de São Vicente, 336 - Gávea - Rio de Janeiro / RJ - CEP: 22451-044 Tel + 55 21 2206-4400 - cebri@cebri.org.br - www.cebri.org

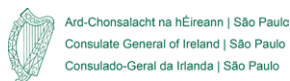
MANTENEDORES:



ASSOCIADOS ESTRANGEIROS:



ASSOCIADOS DIPLOMÁTICOS:



PARCEIROS DE PROJETOS:



Comércio internacional, imigração e o meio ambiente. Nestas três áreas, o Embaixador Rubens Ricupero, Conselheiro do CEBRI, localiza os maiores riscos da gestão de Donald Trump à frente dos Estados Unidos, para o próprio país e para o mundo.

Há 20 anos, Ricupero alertava sobre os riscos de um *backlash* popular contra a globalização em razão do desemprego e do aumento da desigualdade, na seção *overview* do relatório de 1997 da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), da qual foi Secretário-Geral.

“É exatamente o que está acontecendo”, comentou Ricupero em entrevista ao CEBRI. Ele elenca potenciais prejuízos do protecionismo e da política econômica americana, mas destaca que é no meio ambiente que residem suas maiores preocupações. “Ele (Trump), infelizmente, vai fazer com que o mundo perca pelo menos quatro anos, se não for reeleito”, afirma.

Ricupero participou do debate CEBRI *Breaking News* “Trump e a ordem mundial: aberração ou tendência crescente?”, promovido em parceria com o Instituto de Estudos de Política Econômica/Casa das Garças (IEPE/CdG), presidido pelo Professor Edmar Bacha e moderado pelo Embaixador Gelson Fonseca, em abril.

Desde então, finalizou em julho e lançou recentemente o livro *A Diplomacia na construção do Brasil (1750-2016)*, como testemunha e protagonista nas últimas cinco décadas da diplomacia brasileira.

ABRIL DE 2017

Trump e a ordem mundial: aberração ou tendência crescente?

Há duas décadas, o mundo não imaginaria que um bilionário americano do setor imobiliário ascenderia ao poder da maior potência mundial com forte discurso antiglobalização, mais de 300 votos no Colégio Eleitoral e o apoio de 63 milhões de eleitores. O ano era 1997 e o trecho a seguir, a parte final do *overview* esboçado no relatório anual da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD): “Os esforços globais para ajudar os países em desenvolvimento podem se reduzir a nada caso a desaceleração do crescimento econômico do Norte não seja revertida. Assim, um retorno ao crescimento mais rápido e políticas de pleno emprego não são apenas pré-requisitos para resolver os males gêmeos do alto desemprego e do aumento da desigualdade salarial no Norte, mas também essenciais para desarmar a ameaça de uma reação popular contrária à globalização, o que poderá colocar em risco os ganhos da integração econômica global”. Passados vinte anos, o livre comércio vem sendo colocado em xeque justamente pelos Estados Unidos e pretensões nacionalistas ameaçam outros países no mundo. Estamos em 2017.

“É exatamente o que está acontecendo. Realço o que se dizia ao final daquele cenário geral. Se não se fizesse alguma coisa contra a desigualdade crescente, um *backlash* popular contra a globalização se tornaria inevitável nas economias avançadas. É o que vemos hoje com as forças populares que levaram o Presidente Donald Trump à Casa Branca e continuam a dar-lhe apoio”, disse o Embaixador Rubens Ricupero em entrevista ao CEBRI. Então Secretário-Geral da UNCTAD, ele assina a seção *overview* do Trade and Development Report de 1997. No fim de abril, Ricupero foi palestrante do CEBRI *Breaking News*: “Trump e a ordem mundial: aberração ou tendência crescente?”, promovido em parceria com o Instituto de Estudos de Política Econômica/Casa das Garças (IEPE/CdG), presidido pelo Professor Edmar Bacha e moderado pelo Embaixador Gelson Fonseca. Desde então, finalizou em julho e lançou recentemente o livro *A Diplomacia na construção do Brasil*, como testemunha e protagonista nas últimas cinco décadas da diplomacia brasileira.

O livro trata essencialmente da história das relações internacionais no Brasil, no período de 1750 a 2016. Em duas passagens, contudo, emergem aspectos abordados por Ricupero no evento realizado no CEBRI e em entrevistas recém-concedidas. Ao tratar das grandes viagens marítimas do Século XV, aponta contradições ancestrais do que atualmente chamamos globalização: “O processo de unificação do espaço planetário e de intensificação das relações entre povos e culturas, hoje denominado globalização, resulta dessa ação dos povos ocidentais, para o bem ou para o mal. Inexoravelmente, o processo avança (...) pela conquista, a colonização e a exploração direta, com a marginalização ou o extermínio das

populações preexistentes”. Já no único trecho em que cita Donald Trump, lhe define o estilo em termos comparativos: “Foi em nossa história (Jânio Quadros) o primeiro grande político a criar estratégia biográfica adaptada para tirar o máximo proveito da sociedade do espetáculo e antecipou em mais de meio século os métodos extravagantes de Donald Trump, a fim de ganhar publicidade grátis e tornar-se um herói pop”.

Na prática, a globalização intensa vem a partir dos anos de 1990, em meio à reorganização de cadeias produtivas globais, ao avanço do livre comércio e ao forte desenvolvimento tecnológico, com impactos no mercado de trabalho. Antes, a partir dos anos de 1980, o tom da economia mundial era marcado pela desregulamentação dos mercados e abertura à concorrência internacional, com menores exigências compensatórias – tudo acompanhado de desigualdades crescentes e expansão econômica aquém do desejado. “A história mostra que a combinação de baixo crescimento, desemprego crescente e o aumento dos desequilíbrios comerciais podem tornar difícil resistir a pressões protecionistas e evitar fricções comerciais”, registrava Ricupero, no *overview* do relatório anual da UNCTAD. Como resumo, o panorama geral do documento traçava, ainda, que a polarização entre países caminhava junto do incremento da desigualdade de renda dentro dos próprios países: “A crescente desigualdade salarial entre trabalhadores qualificados e não qualificados não é apenas um problema para o Norte. Está se tornando global”.

Os resultados das eleições deste ano na Holanda, França e Alemanha trouxeram alento quanto ao risco da chegada ao poder de líderes nacionalistas, mas são ainda insuficientes para afastar de vez as preocupações quanto à escalada do populismo europeu. “As vitórias eleitorais possuem efeito no momento. Esse efeito, contudo, só se consolidará se os governos oriundos das vitórias demonstrarem capacidade efetiva de encaminhar soluções para os problemas que alimentam os movimentos populistas, dentre eles a ansiedade com imigrantes, refugiados e a onda de atentados terroristas, no plano político-social. Assim como, com o desemprego alto e o crescimento débil, no campo econômico”, analisa Ricupero. “Se houver percepção de fracasso dos governos ainda recentes, o populismo tentará uma vez mais tirar proveito da situação. Até agora, é cedo para fazer um prognóstico”, complementa Ricupero.

O ex-ministro analisa um pouco mais o fenômeno francês. Observa que a oposição que o Presidente François Macron passará a enfrentar mais fortemente virá das ruas, não do Parlamento, em que o governo tem a maioria. “No caso da França, é preciso observar que o primeiro teste virá no final das férias de verão, a partir de setembro, quando a proposta de profunda reforma da legislação trabalhista começará a enfrentar a resistência de sindicatos e esquerdas unidas”. Ele recorre à história recente do país para indicar a complexidade do momento francês. “Há um precedente preocupante. Na segunda metade de 1995, uma proposta similar de reforma (o presidente era Jacques Chirac e o primeiro ministro, Alain Juppé) encontrou a decidida oposição dos sindicatos, que mobilizaram cerca de dois milhões de pessoas, obrigando o governo a recuar. Veremos se será diferente agora com um novo presidente e novo primeiro ministro”, complementou.

Diante da tensão militar no mundo, em especial no Leste Asiático, Ricupero observa que o rearranjo das forças internacionais ao longo dos últimos anos influencia mais o quadro atual do que a crise na globalização nos terrenos econômico e comercial. “Quanto aos desenvolvimentos militares, não me parece que eles sejam consequência da crise da globalização. Eles refletem, acima de tudo, a evolução do sistema político internacional, com o enfraquecimento relativo do poder norte-americano em cotejo com a ascensão da China, crescente confronto com a Rússia, efeitos dos gigantescos erros estratégicos dos EUA na invasão do Iraque e no Oriente Médio em geral e a emergência de uma liderança inexperiente, como a de Trump, junto ao menosprezo pelo multilateralismo da ONU”. Riscos de distorções no comércio internacional, o pouco apreço a organismos internacionais e o desprezo pelo meio ambiente são alguns dos aspectos decepcionantes da Era Trump na visão do embaixador.

“No balanço geral a conclusão é negativa, tanto nesse caráter excêntrico, aberrante, do comportamento dele, as reviravoltas constantes, as contradições, como é negativo na substância de certas posições tomadas”, afirma Ricupero. Segundo o embaixador, os posicionamentos de Donald Trump têm sido mais críticos, em geral, nos temas do comércio internacional, migração, refugiados e aquecimento global. “Em alguns casos, como no comércio, existem até altos e baixos. Ele diz por exemplo que no primeiro dia de mandato iria declarar a China como manipuladora da moeda, depois ele voltou atrás”, pondera. Ricupero clarifica que, na prática, o presidente americano não é exatamente contra o comércio mundial. “Ele é contra os Estados Unidos terem déficit. Ele tem uma visão mercantilista do comércio”. Aqui, sorte tem o Brasil, em razão do déficit comercial que carrega com os americanos. “O único lado positivo é que ele, até o momento, poupou o Brasil nos seus *tweets*, o que acho uma boa coisa. Porque, em geral, quando ele menciona algum país no Twitter é para dar uma pancada. Raramente é para falar bem”, lembra o diplomata.

Ricupero diagnostica que a retórica de Trump, muitas vezes marcada por ameaças, no fundo se destina a intimidar os parceiros a aceitarem, voluntariamente, restringir as exportações aos Estados Unidos e aumentar suas importações dos Estados Unidos. “E às vezes ele consegue êxito, por exemplo, como naquela pressão sobre as empresas Carrier e a Ford, para desistirem da transferência de empregos para o México”. Entre o fim do ano passado e o início deste ano, a indústria de ar condicionado e a fabricante de automóveis, que tinham planos de investimentos anunciados para o México, voltaram atrás. O embaixador cita também a iniciativa do encontro bilateral no primeiro semestre deste ano entre Donald Trump e o presidente da China, Xi Jinping, no resort de Mar-a-Lago (Flórida), que definiu prazo de cem dias para equacionar questões comerciais e elevar o volume de compras chinesas dos americanos.

Como efeito colateral, entretanto, a pressão americana sobre parceiros comerciais pode gerar distorções no comércio global, prejudiciais inclusive ao Brasil. “Obviamente nós somos concorrentes dos Estados Unidos na venda de carne, de soja, de milho, de aves, frango. Então, de certa maneira, ele pode levar estes países a darem preferência aos Esta-

dos Unidos por razões que não têm nada a ver com a competitividade, mas sim por razões políticas, como para agradar, evitar um conflito. Se a China decide aumentar a compra dos americanos em todas essas áreas em que nós somos concorrentes, para nós é muito ruim. Não é caso de qualidade, não é preço. É o uso do poder político”, afirma Ricupero. Em outra dimensão, o Brasil também pode ser afetado caso o protecionismo americano impacte negativamente o crescimento chinês. Comenta, ainda, que a eventual queda de exportações chinesas de aço aos Estados Unidos, em razão de medidas de defesa americanas, impactaria a venda de venda de minério de ferro brasileiro às siderúrgicas da China.

“E acho também que a política econômica dele, além do protecionismo comercial, pode gerar um agravamento do déficit e da dívida americana, como resultado desse plano que ele está anunciando e cortes de impostos sem redução equivalente de despesas. Isso tudo pode comprometer a economia americana”, afirma Ricupero. O receio é que a política econômica americana gere mais dívida e o Federal Reserve (Fed, banco central americano) aumente muito a taxa de juros como remédio. Na avaliação de Ricupero, o Brasil, nesse momento, não enfrenta problema econômico externo, tem reservas expressivas e superávit comercial elevado. Além disso, a economia brasileira tem se favorecido da liquidez financeira mundial, que traz recursos para o país. “Se de repente as taxas de juros americanas começam a subir, a remuneração fica melhor nos EUA e vai haver menos liquidez”, pondera. O ex-ministro da Fazenda acrescenta que não foi provada a perspectiva de que o corte dos impostos levaria, necessariamente, os muito ricos a investirem e, com isso, ao crescimento econômico.

Ricupero demonstra, ainda, preocupação com a deterioração do tecido social americano. Cita estudos recentes realizados pelos economistas Angus Deaton,

Prêmio Nobel de Economia, e Anne Case, Professora de Economia e Administração Pública na Universidade de Princeton, sobre as chamadas *deaths of despair* (mortes decorrentes do uso de drogas, álcool e suicídio) entre trabalhadores brancos americanos de meia idade. “Eles já produziram dois estudos mostrando que o índice de mortalidade de brancos pobres nos Estados Unidos tem aumentado muito nos últimos 20 anos, sobretudo a partir do ano de 2000”, conta Ricupero, comentando sobre o avanço do uso e dependência dos opiáceos (derivados do ópio) no país, uma “epidemia de saúde pública”.

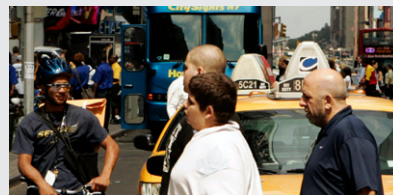
“Há muito sofrimento, há muita pobreza nos Estados Unidos que os grandes partidos políticos não tinham identificado. Eles não eram sensíveis a isso. Ele (Trump) pode não

CONTEÚDO RECOMENDADO

Deaths of despair

Estudo dos economistas Angus Deaton (Prêmio Nobel) e Anne Case (Professora em Princeton) mostra o avanço da mortalidade pelo uso de drogas, álcool e suicídio entre trabalhadores brancos americanos de meia idade.

Working class white Americans are now dying in middle age at faster rates than minority groups



<https://www.brookings.edu/blog/brookings-now/2017/03/23/working-class-white-americans-are-now-dying-in-middle-age-at-faster-rates-than-minority-groups>

ser um homem instruído, mas ele é intuitivo. Ele percebeu isso e canalizou. Essa população é a que responsabiliza os acordos de livre comércio, como o NAFTA (Tratado Norte-Americano de Livre Comércio), a transferência das fábricas, a globalização. Ele se fez o campeão da reação contra isso, contra as elites. Foi assim que ele se elegeu”, diz Ricupero. Apesar disso, o embaixador volta a reforçar que, na verdade, a política econômica em curso tende a beneficiar sobretudo os muito ricos, já que a maior parte das reduções de imposto são para as faixas mais altas de alíquota, referente ao “0,1% que concentra maior riqueza”.

De elevada gravidade, outro aspecto negativo da Administração Trump é o descuido com o tema do meio ambiente. “Em comércio, como eu digo, tem havido uma ameaça, outras vezes um recuo. Em meio ambiente, não. Tem sido consistentemente negativo, desde a escolha do chefe da EPA (Environmental Protection Agency), Scott Pruitt. Este senhor é um negativista. Nega que haja o aquecimento global por efeito humano. Combateu a vida toda os argumentos da agência. E, em terceiro lugar, o governo mandou cortar 31% do orçamento da agência”. Ricupero lembra que para o cumprimento do compromisso assumido pelo ex-presidente Barack Obama – redução em 26% das emissões americanas até 2025 comparado ao nível de 2005 – seria necessário manter todos os regulamentos da gestão anterior e até ampliá-los. “Ora, ele mandou rever todos regulamentos, para que não haja mais obstáculos ao uso do carvão para produção de energia. Ele mandou rever a lei da energia limpa, a *Clean Power Act*, que é o principal instrumento da política ambiental”, enumera o embaixador.

“Então, nessa área tudo é muito negativo. E o pior, você sabe, nessa área nós estamos muito próximos do limite que vai criar uma situação de não retorno, porque com o derretimento dos gelos polares, o aumento do nível dos oceanos, está muito próximo do momento em que não vai dar para fazer mais nada. E ele (Trump), infelizmente, vai fazer com que o mundo perca pelo menos quatro anos, se não for reeleito”, alerta Ricupero, que, em entrevista recente à *Folha de S. Paulo*, chegou a comentar que o planeta não iria acabar com um apocalipse nuclear, mas que o maior perigo que enfrenta é justamente o aquecimento global. “E, finalmente, não preciso dizer que acho muito negativa a política sobre os imigrantes em geral, sobre a América Latina em particular, o muro que ele quer fazer sobre o México. A recusa de receber refugiados da Síria e do Iraque, quando eles, os Estados Unidos, foram os principais responsáveis por esse conflito que existe lá”, conclui o diplomata.

“ **A crescente desigualdade salarial entre trabalhadores qualificados e não qualificados não é apenas um problema para o Norte. Está se tornando global.**”

(Seção Overview do Trade and Development Report, de 1997, da Unctad)

“ **Há muito sofrimento, há muita pobreza nos Estados Unidos que os grandes partidos políticos não tinham identificado. Eles não eram sensíveis a isso. Ele (Trump) pode não ser um homem instruído, mas ele é intuitivo. Ele percebeu isso e canalizou. Essa população é a que responsabiliza os acordos de livre comércio, como o NAFTA (Tratado Norte-Americano de Livre Comércio), a transferência das fábricas, a globalização. Ele se fez o campeão da reação contra isso, contra as elites. Foi assim que ele se elegeu.**”

(Entrevista ao CEBRI)

“ **Se houver percepção de fracasso dos governos ainda recentes, o populismo tentará uma vez mais tirar proveito da situação. Até agora, é cedo para fazer um prognóstico.**”

(Entrevista ao CEBRI, sobre os resultados das eleições na Europa e eventual recuo do nacionalismo)

“ **Obviamente nós somos concorrentes dos Estados Unidos na venda de carne, de soja, de milho, de aves, frango. (...) Se a China decide aumentar a compra dos americanos em todas essas áreas em que nós somos concorrentes, para nós é muito ruim. Não é caso de qualidade, não é preço. É o uso do poder político.**”

(Entrevista ao CEBRI)

“ **Foi em nossa história (Jânio Quadros) o primeiro grande político a criar estratégia biográfica adaptada para tirar o máximo proveito da sociedade do espetáculo e antecipou em mais de meio século os métodos extravagantes de Donald Trump, a fim de ganhar publicidade grátis e tornar-se um herói pop.**”

(Entrevista ao CEBRI)

- Embaixador Rubens Ricupero, Conselheiro do CEBRI



Biografias

Rubens Ricupero

Rubens Ricupero é Diretor da Faculdade de Economia e Relações Internacionais na FAAP em São Paulo. Foi Secretário-Geral da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD) durante quase uma década. Previamente, foi Ministro da Fazenda, Ministro do Meio Ambiente e da Amazônia Legal e Assessor Especial do Presidente. Serviu como Embaixador nos Estados Unidos, na Itália, nas Nações Unidas em Genebra e chefiou as delegações brasileiras para o Conselho de Direitos Humanos da ONU e a Conferência da ONU sobre Desarmamento. Foi Professor de Teoria das Relações Internacionais na Universidade de Brasília e Professor de História de Relações Diplomáticas Brasileiras no Instituto Rio Branco. O Ministro Ricupero recebeu diploma de bacharel em Direito da Universidade de São Paulo.

Edmar Bacha

Edmar Bacha é Sócio Fundador e Diretor do Instituto de Estudos em Política Econômica/Casa das Garças. É membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Ciências. Foi membro da equipe econômica do governo responsável pelo Plano Real. Foi também presidente do BNDES, do IBGE e da Anbid (atual Anbima). Foi professor de economia em diversas universidades brasileiras e americanas. Tem inúmeros livros e artigos publicados sobre economia brasileira e latino-americana e sobre a economia internacional. É bacharel em economia pela UFMG e Ph.D. em economia pela Universidade de Yale, EUA.

Gelson Fonseca Jr.

Gelson Fonseca Jr. é Diretor do Centro de História e Documentação Diplomática (CHDD) da Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG), órgão vinculado ao Ministério das Relações Exteriores. Serviu como Embaixador nas Nações Unidas em Nova York, no Chile e como Cônsul-Geral em Madrid e no Porto. No Ministério, sua mais recente posição foi Inspetor-Geral do Serviço Exterior. Foi Professor de História Diplomática na Universidade de Brasília (UnB), Professor de Relações Internacionais da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e de Teoria das Relações Internacionais no Instituto Rio Branco. O Embaixador Fonseca recebeu diploma de bacharel em Direito da Universidade do Estado da Guanabara (agora chamada de UERJ) e mestrado em Estudos Latino-Americanos da Universidade de Georgetown.

Conselho Curador do CEBRI

Presidente

José Pio Borges

Presidente de Honra

Fernando Henrique Cardoso

Vice-Presidentes

José Luiz Alquéres

Luiz Felipe de Seixas Corrêa

Tomas Zinner

Vice-Presidentes Eméritos

Daniel Klabin

José Botafogo Gonçalves

Luiz Augusto de Castro Neves

Rafael Benke

Conselheiros Eméritos

Celso Lafer

Marcos Azambuja

Pedro Malan

Roberto Teixeira da Costa

Rubens Ricupero

Conselheiros

Aldo Rebelo

Anna Jaguaribe

Armando Mariante

Arminio Fraga

Carlos Mariani Bittencourt

Cláudio Frischtak

Denise Gregory

Gelson Fonseca Jr.

Henrique Rzezinski

Joaquim Falcão

Jorge Marques de Toledo Camargo

José Alfredo Graça Lima

Luiz Fernando Furlan

Luiz Ildefonso Simões Lopes

Marcelo de Paiva Abreu

Maria do Carmo (Kati) de Almeida Braga

Maria Regina Soares de Lima

Renato Galvão Flôres Jr.

Roberto Abdenur

Roberto Giannetti da Fonseca

Ronaldo Sardenberg

Ronaldo Veirano

Sérgio Quintella

Sérgio Amaral

Vitor Hallack

Winston Fritsch



CENTRO BRASILEIRO DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Desde 1998, o *think tank* de referência em relações internacionais no Brasil. Eleito em 2016 o quarto melhor da América do Sul e Central pelo índice global do Think Tanks and Civil Societies Program da Universidade de Pensilvânia.

www.cebri.org